

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

## **LUTO E MELANCOLIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES<sup>1</sup>**

**Rafael De Siqueira Fredi<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup> Pesquisa bibliográfica realizada no curso de psicologia da Unijuí

<sup>2</sup> Aluno do curso de psicologia da Unijuí

Palavras-chave: Luto; Melancolia; Libido; Psicanálise

Esta pesquisa surge de instigações advindas da prática de estágio em Psicologia e processos clínicos, realizado junto a Clínica de Psicologia da Unijuí – Campus Ijuí.

Freud, em seu texto “luto e melancolia” ([1915]. ed. 2010), busca esclarecer algumas questões referentes ao adoecimento de pacientes que, ao passarem por perdas de alguma coisa ou alguém que estariam ocupando um lugar relevante em suas vidas, passam a apresentar uma queixa muito específica e um sofrimento que, em muitos casos, é prolongado e pode levar a uma profunda tristeza e desânimo que o sujeito não sabe explicar o porquê.

A perda poderá ser tanto de uma pessoa amada quanto de algum ideal, liberdade, pátria etc. Aquilo que se perde, Freud (1917 [1915], p. 172 ed. 2010) chamará de objeto, ao qual era direcionado um investimento amoroso. Assim ao perder este objeto revestido de amor o sujeito entra em estado de elaborar a perda. Nesse sentido, é importante fazer algumas distinções entre luto e melancolia para melhor compreendermos seus mecanismos e a influência destes na vida psíquica, pois em algumas pessoas encontramos uma predisposição patológica para aquilo que Freud chamara é seu texto “luto e melancolia” ([1915]), de melancolia.

Ao fazer algumas observações acerca da naturalidade do luto, Freud dirá que não devemos olhar para este enquanto sendo somente patológico, pois estas situações fazem parte da vida de qualquer sujeito. A respeito do trabalho que o luto realiza no psiquismo, o autor afirma que o sujeito necessita fazer um exame da realidade e ter a percepção de que o objeto amado não mais existe. Essa percepção exigirá que toda a energia de investimento libidinal seja retirada e desligada deste objeto, que agora está perdido. O processo em si não se dá sem causar um grande desprazer. Segundo afirma o autor:

Cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é enfocada e superinvestida. E em cada uma sucede o desligamento da libido. Não é fácil fundamentar economicamente por que é tão dolorosa essa operação de compromisso em que o mandamento da realidade pouco a pouco se efetiva. (FREUD 1917 [1915] p.174 ed. 2010).

Para tornar mais clara nossa exposição sobre o processo de luto e seus agravantes, faz-se necessário pensarmos brevemente acerca do conceito de libido a partir da psicanálise. Assim a libido se caracteriza por ser uma energia psíquica que visa satisfação, é móvel, ou seja, investe e desinveste em objetos, deslocando-se. No contexto de perda de objeto amoroso temos como sendo um processo normal o desprendimento do libido que ficará livre e flutuando na psique, até que encontre um substituto. Na histeria, Freud (“O caso Schreber “1911, p. 96 ed. 2013) diz que essa energia liberada se transforma em inervações somáticas ou de angústia.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

Freud no seu texto “O caso Schreber “ (1911, p. 95 ed. 2013) nos diz que, “é certo que na vida psíquica normal (não só no luto) realizamos constantemente esses desprendimentos da libido em relação a pessoas ou objetos, sem adoecer por isso.” Desta forma, podemos nos questionar: o que está problematizado nos sujeitos que não conseguem fazer esse desprendimento da libido, e portanto não elaboram o luto entrando em estado melancólico? Também aqui cabe perguntar em que momento do desenvolvimento se daria a predisposição para o luto patológico, ou seja, a melancolia?

Tentando responder esses questionamentos, precisamos focar no processo de luto, este instaurar-se-ia a partir de uma perda muito primitiva da relação simbiótica e objetal que se estabelece entre mãe e filho nos primeiros meses de vida. A perda ocorrerá justamente quando o objeto primordial e ideal cai, com a entrada de um terceiro paterno na relação mãe/filho. Isso resultaria na inauguração da atividade pulsional e no primeiro luto do sujeito. Sobre isso, Celso Rennó Lima nos dirá que:

(...)fica posto que a inauguração da atividade pulsional acontece no instante em que uma perda ocorre. Em outras palavras a busca do objeto perdido, que inaugura a atividade do inconsciente nada mais é do que um trabalho de luto. (RENNÓ LIMA pg. 01).

E é a partir deste viés que podemos pensar o luto como sendo uma perda, ou seja, quando no real se apresenta uma situação em que o objeto amado, ao qual estava direcionada a energia libidinal, deixa de existir, exigindo que o sujeito faça um movimento para retirar e redimensionar a libido empregada no objeto. Este movimento, necessário e fundamental para o não adoecimento, Freud afirmará que o normal é que se vença a sentença que no real se apresenta;

O normal é que se vença à realidade. Mas a solicitação desta não pode ser atendida imediatamente. É cumprida aos poucos, com grande aplicação de tempo e energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto perdido se prolonga na psique. (FREUD 1917 [1915] p. 174 ed. 2010)

A partir disso, outras distinções são necessárias em relação ao uso de energia que o Eu realiza, e que dele (Eu) se perde junto do objeto. Pois tanto luto quanto melancolia apresentam uma inibição em relação as coisas externas, porém no processo de luto o mundo torna-se pobre e vazio, devido ao próprio trabalho que este realiza. Já no que se refere aos casos de “(...) melancolia, é o próprio Eu.” (FREUD, 1917 [1915] p. 176 ed. 2010). Por assim ser, quando nos deparamos com casos melancólicos, vemos que estes advêm de um luto que não foi devidamente elaborado. Sobre isso Eliane Mendlowicz (2000) em seu artigo “O luto e seus destinos” nos esclarecerá a respeito dos destinos do luto: um seria a elaboração bem-sucedida desta perda do objeto amado e o outro, o fracasso desta elaboração que resultaria então naquilo que Freud denominou por melancolia.

A respeito das questões que perpassam esses dois conceitos, precisamos elaborar algumas de suas características. Temos então os estados de luto que apresentam algo como um abatimento, perda de animo em relação ao mundo exterior e rebaixamento em relação a capacidade de amar, bem como o afastamento de atividades que não se liguem ao objeto perdido. Portanto o Eu ficará restrito ao luto, isto é, terá dedicação exclusiva a ele.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

Já no que se refere à melancolia, as características permanecem as mesmas, com exceção de uma: na melancolia há uma diminuição da autoestima, e os sujeitos acabam expressando uma espécie de auto recriminação e ofensa que em alguns casos chegam até a vontade de punição.

Esse quadro se torna mais compreensível para nós se consideramos que o luto exhibe os mesmos traços, com exceção de um: nele a autoestima não é afetada. De resto é o mesmo quadro. (FREUD 1917 [1915], p. 173, 2010)

A partir de Freud, podemos fazer uma analogia de um estado melancólico para um de luto e chegarmos a uma certa conclusão para tentar explicar essas autoincriminações que, na melancolia, adviriam desta perda do Eu, seguida pelo seu empobrecimento. O autor apresentará que, as recriminações voltadas para o Eu nada mais são do que recriminações que antes eram dirigidas ao objeto amoroso perdido. Sendo assim, os pacientes ao falarem sobre essas autoincriminações do Eu “Não se envergonham nem se escondem, pois tudo de desabonador que falam de si mesmos se refere, no fundo, a outra pessoa.” (FREUD 1917 [1915] p. 180 ed. 2010).

Em suma a respeito desse processo de adoecimento, Freud dirá que:

Havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido a certa pessoa; por influência de uma real ofensa ou decepção vinda da pessoa amada, ocorreu um abalo nessa relação de objeto. O resultado não foi o normal – a libido ser retirada desse objeto e deslocada para um novo -, e sim outro, que parece requerer várias condições para se produzir (...) a libido liberada não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá ela não encontrou uma utilização qualquer: serviu para estabelecer uma identificação do Eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu (...) (FREUD, 1917 [1915], p. 181 ed. 2010)

Tendo em conta este processo, podemos dizer que aquilo que foi perdido, ou seja, o objeto, se transformou em uma perda do próprio Eu, ele incorpora objeto perdido, na medida em que o doente pode até saber “(...) quem, mas não o que perdeu nesse alguém.” (FREUD, 1917 [1915], p. 175 ed. 2010). Portanto isso explicaria as autoincriminações presentes no discurso dos pacientes com um quadro aparente de melancolia. Essas ofensas a si mesmo (Eu) nada mais são que características do objeto que fora perdido cujo o Eu não encontrou um substituto para libido desprendida. Aqui podemos situar a grande diferença entre o luto e melancolia, pois no luto o objeto é renunciado pelo sujeito, possibilitando o processo de desprendimento da libido, já na melancolia esse processo de renúncia fica problematizado, pois o objeto a ser renunciado seria o próprio eu, ao qual a libido desprendia se voltou. Outra questão é que no luto há um discurso acerca do objeto perdido, o que não acontece na melancolia.

Ainda sobre essas questões, a seguinte indagação também é válida: porque é tão difícil fazer a retirada dos investimentos libidinais e redimensiona-los para outro objeto? Podemos inferir que, essa escolha de objeto ocorreu, segundo Freud (1917 [1915], p. 182 ed. 2010) a partir de bases narcísicas, ou seja, identificações. Portanto quando falamos que parte do Eu se perde junto com o objeto, podemos nos referir que a identificação com o objeto, que antes fora alvo de investimentos libidinais, agora torna-se um substituto desses investimentos. Sendo assim, a identificação narcísica

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

seria parte fundamental da escolha objetal, e aí estaria a dificuldade de fazer a retirada destes investimentos libidinais.

É seguindo esse viés de identificação com o objeto que podemos pensar na melancolia, pois quando o sujeito apresenta as auto incriminações ou até mesmo ameaças de suicídio, essas se dão a partir desta identificação narcísica com o objeto. Ou seja, teríamos uma ambivalência entre amor e ódio, que ao se direcionar, primeiramente, para o objeto perdido, retornam para o próprio sujeito, que a partir da identificação, tornou-se alvo desse desejo de recriminação. “Assim, o investimento experimentou um duplo destino: parte dele reagiu à identificação, mas outra parte, sob a influência do conflito da ambivalência, foi remetida de volta ao estágio do sadismo(…)” (FREUD, 1917 [1915], p.184, ed. 2010)

Nos deparamos aqui com uma questão fundamental para melhor entendermos o desejo de punição. Pois o sujeito ao punir-se, realizaria desejos sádicos voltados para o objeto, e puniria assim, ao objeto que antes fora amado. Freud (1947 [1915], p.185 ed. 2010) dirá que “Há muito sabíamos, é verdade, que um neurótico não abriga ideias de suicídio que não venham de um impulso homicida em relação a outros, voltados contra si”.

Conclui-se portanto, que não podemos negligenciar em nosso fazer clínico, questões referentes ao sofrimento de sujeitos que chegam na clínica com diagnóstico de depressão, o qual em muitos casos refere-se a quadros profundos de melancolia. Temos a escuta psicanalítica como principal instrumento para auxiliar esses pacientes na ressignificação e reorganização da libido que fora desprendida do objeto.

#### Referências

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia [1915]. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 V. 12.

\_\_\_\_\_. Observações Psicanalíticas sobre um caso de Paranoia (“O caso Schreber”, 1911). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, Vol. 10.

GARCIA LOPES, Ariete. Algumas considerações sobre o conceito de libido em Freud e Lacan. Disponível em: < [www.escolaletrafreudiana.com.br/UserFiles/110/File/artigos/.../045.pdf](http://www.escolaletrafreudiana.com.br/UserFiles/110/File/artigos/.../045.pdf)> Acesso em: 19/05/2015.

KEHL, Maria Rita. O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

MENDLOWICZ, Eliane. Luto e seus destinos. Rio de Janeiro: Ágora, 2000, Vol.3. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982000000200005>> Acesso em: 20/05/2015.

RENNÓ LIMA, Celso. Luto e Melancolia no Circuito da Pulsão. Disponível em: <[http://ebp.org.br/wpcontent/uploads/2012/08/Celso\\_Renno\\_Luto\\_e\\_melancolia\\_no\\_circuito\\_da\\_pulsao1.pdf](http://ebp.org.br/wpcontent/uploads/2012/08/Celso_Renno_Luto_e_melancolia_no_circuito_da_pulsao1.pdf)> Acesso em: 20/05/2015.